

SAÚDE, ESTE OBSCURO OBJETO DE DESEJO

*Fernando Lefèvre**

Resumo: Exploram-se no presente ensaio as relações entre saúde e desejo, envolvendo um dado querer denominado “saúde” e as formas que este querer adquire no contexto do viver contemporâneo. Aponta-se ao final para uma situação radical no que toca à saúde, vítima de um processo irreversível de expansão, que acaba por inviabilizar qualquer tentativa de defini-la, levando a uma perda total de sentido, no contexto de um universo humano tentando à completa robotização.

Palavras-chave: Saúde-doença; psicanálise; sentido; significado

* Professor Associado da Faculdade de Saúde Pública da USP.

APRESENTAÇÃO

Em nosso artigo “Saúde, mídia e reificação” (LEFÈVRE, in PITTA, 1995) colocávamos que

“... a saúde faz parte daquele conjunto de sentidos que são eminentemente vagos, imprecisos e, ao mesmo tempo, muito carregados de valorações positivas, passíveis de intenso investimento libidinal. Por isso, saúde é um tipo especial de nome, na medida em que o ato social de nomeação que ela expressa acaba tendo o sentido adicional de “dar corpo”, concretude e materialidade à utopia, nomeando o inomeável ou, no registro psicológico, dando forma ao objeto de desejo”

Gostaríamos aqui de avançar um pouco na linha acima esboçada, enfocando mais diretamente a relação entre saúde e desejo.

A SAÚDE COMO “QUERER”, HOJE

Nesse sentido diríamos que a saúde é algo que *se quer* (e que sempre se quis e que sempre se quererá) intensamente, instintivamente, inconscientemente; e algo que tanto indivíduos quanto coletividades querem.

Este *algo que se quer*, segundo o esquema laciano exposto por ZIZEC (1992) pode ser visto como um *significado* que originalmente é vago e flutuante e que acaba, *a posteriori*, costurado ao *significante* “saúde”, abarcando um dado espectro de idéias e sentimentos ligado, historicamente, a este significante.

Nessa linha, podemos pensar a saúde – essencialmente vinculada ao corpo (SANT’ANA, 1995) e à corporiedade (TURNER, 1984) - como envolvendo, hoje, idéias/ desejos de bem estar, de proteção, de alívio da dor, de performance esportiva olímpica, de beleza, de bom funcionamento da máquina orgânica, de potência sexual, “body building” e muitos outros.

SAÚDE COMO SIGNIFICANTE E A VENDA DA SAÚDE

Todo este vasto campo de conteúdos de aspiração (que, ademais é um conjunto em expansão) conflui ou é passível de desaguar num significante principal: *saúde*; ou em significantes correlatos como “fitness.”

Para a linguística e para a semiótica, o significante é o aspecto ou dimensão material do signo; já o significado representa a parte ideal ou emocional deste signo. Assim, a saúde pode ser vista como um signo cujo significante é o nome “saúde” e cujo significado é o desejo de “saúde”.

Saúde e seus correlatos então, enquanto significantes, nomeiam, concentram, canalizam e, em termos foucaltianos, disciplinam, o desejo, por natureza disperso, volátil, descontraído, indisciplinado, incivilizado, “bruto”. Assim fazendo ensejam e viabilizam sua venda.

Com efeito, com o nome “saúde” torna-se possível vender “o que se quer”, o que todos desejam e que passa a existir na medida em que tem um “nome de batismo”. Este peculiar ato de nomeação viabiliza, a posteriori, o comércio do desejo porque a saúde como signo acabou, historicamente, associando-se à higiene, limpeza, brancura o que, por via de consequência, tornou o desejo inocente, bom, válido.

Mas evidentemente não basta, para vendê-lo, dar um nome ao desejo: é preciso também dar-lhe um substrato material, um “cavalo”, para que ele possa ser “incorporado”, “encarnado”. É aí que entra o processo que na teoria marxista recebe o nome de “reificação” ou “coisificação” e que poderíamos, para efeitos deste artigo, descrever simplificada ou simplistamente como a transformação de valores (nobres) em coisas (prosaicas), como na propaganda que coloca que “a felicidade é um cartão solo no bolso”.

No caso da saúde a reificação pode ser observada em mensagens publicitárias conhecidas de todos os brasileiros como por exemplo, “Yogurte Danonne, sua dose diária

de saúde”, “Golden Cross, saúde em primeiro lugar”, “Hepatoviz, a saúde de seu fígado”, “Beba Sustagem, beba saúde”.

Sintetizando diríamos que o inicialmente nobre e indisciplinado desejo de saúde ganha um nome bom e inocente que, pelo processo de reificação, acaba sendo associado a um outro nome, “de marca” ou próprio (e conseqüentemente, a uma propriedade privada, a um copyright) de um produto, isto é, de uma coisa, de uma materialidade que, justamente por ser material, pode ser comida, engolida, e, conseqüentemente, entrar no sistema orgânico produzindo - e graças a ciência e a tecnologia cada vez com maior eficácia - a própria saúde; o que, em última instância, fecha o processo da realização do desejo.

SAÚDE PÚBLICA COMO SIGNIFICANTE

O que foi dito sobre a saúde aplica-se, *mutatis mutandis*, à este conjunto de coisas chamado Saúde Pública, na medida em que se entenda por este nome o campo de desejo da saúde quando tem como destinatário das ações nele geradas não mais o indivíduo considerado isoladamente mas as coletividades.

Nesse sentido, seguindo uma linha foucaultiana de análise, sob o manto da Saúde Pública poderiam estar abrigados desejos reacionários ligados à “ordem”, “disciplina”, etc., ou inconfessáveis, como os ligados à higiene pública, na acepção de limpeza étnica ou eugenia. A Saúde Pública assim vista permitiria, ao mesmo tempo, eliminar a peste indesejável e os mais que indesejados “pobres empesteados”, a gravidez adolescente e a “cria demograficamente excessiva” dos filhos das adolescentes grávidas; a AIDS e a correspondente “corja” de gays, travestis e drogados.

Evidentemente também que a esta mesma Saúde Pública estão associados desejos “positivos” que, muitos deles, curiosamente, se organizam em torno de utopias que tem ilhas ou cidades como centro, e que modernamente ganham o nome de “cidades saudáveis”.

SAÚDE, OPORTUNIDADE DE NEGÓCIOS E CERCAMENTO CORPORATIVO

Explorar a saúde, nas suas várias dimensões implica, pois, no contexto da sociedade contemporânea, um vasto e aberto campo de “oportunidades de negócios” e interesses corporativos já que o dito significativo permite canalizar, configurar (=traduzir em imagens, figuras) neutralizar (=branquear) e dar um cunho científico a impulsos desejantes.

Saúde, seja ela privada ou pública é, então, ao mesmo tempo, *nada e tudo; nada* porque se trata, cada vez mais claramente, de uma fantasia, e a natureza mesma da fantasia é *não ser*, e *tudo* porque, sob este nome acaba sendo possível a venda e “cercamento” corporativo de um número infinito de produtos e serviços de saúde.

O desejo aparece, pois, organizado de modo que, denominado “saúde”, permite viabilizar o controle do indivíduo através da venda, para ele, da sua própria saúde. É o conhecido processo de *alienação*, no que ele se aplica à saúde.

Para que isto aconteça, por outro lado, é necessária a presença não apenas do nome “saúde” mas também do que denominamos em trabalho anterior (LEFÈVRE, 1995) de *Poder de Proporcionar Saúde*, que implica em um processo de apropriação e monopolização privada ou corporativa dos serviços e produtos ofertados sob a rubrica “saúde”, criando, concomitantemente, a figura do “profissional de saúde”.

SAÚDE, UM NOME SEM SENTIDO

A culminação deste processo de expansão e diversificação crescente da saúde configura aquilo que BAUDRILLARD (1992) chama de *estádio fractal do valor* (no caso “a saúde”) e que o autor descreve assim:

“No quarto estágio, o estágio fractal, ou estágio viral, ou ainda estágio irradiado do valor, já não há nenhuma referência: o valor irradia em todas as direções, em todos os interstícios, sem referência ao que quer que seja, por pura contigüidade”.

Caso aceitemos esta idéia radical (e, a nosso ver, não há, em princípio, porque negá-la) a gigantesca e contínua expansão e diversificação contemporânea da saúde, ou seja, daquilo que passa a se abrigar sob este rótulo, acaba levando à sua virtual perda de sentido: posto que ela se refere a tudo termina por não se referir precisamente a mais nada, ou seja, a não ter mais qualquer sentido, a não poder mais ser definida.

Um dos vários indicadores disso pode ser verificado quando se tenta resgatar o conteúdo da saúde na mídia impressa (pelo menos na brasileira): jamais se encontra "saude" num lugar só (a rubrica específica da saúde) e sim espalhada por todo o jornal ou revista, sob variados títulos como "medicina"; "estética", "esporte", etc.

Neste contexto, em outras palavras (mais cínicas), o único e verdadeiro indicador de saúde acaba sendo o aumento da expectativa de vida, simplesmente porque quanto mais as pessoas vivem mais podem continuar funcionando como consumidores de tudo o que o vastíssimo campo da saúde pode oferecer.

Indo ainda mais longe e projetando certas tendências atuais, podemos entender que nem mesmo o prolongamento da vida permite conferir sentido à saúde; com efeito, quando se considera coisas como a clonagem, reprodução assexuada, cópias infinitas da mesma pessoa, tendência à progressiva "maquinização" ou robotização do corpo, culminando num processo de substituição de gerações humanas por gerações sucessivas de máquinas descartáveis, podemos perguntar onde fica a saúde, necessariamente atrelada à idéia de imperfeição, num universo ainda não completamente robotizado?

SAÚDE: AINDA UM OBSCURO OBJETO DE DESEJO

Por enquanto, a saúde ainda é um (obscuro objeto de) desejo. Pode chegar o tempo em que nem mesmo isso seja verdadeiro, quando tudo for máquina, isto é, quando não houver mais inconsciente, insatisfação, imperfeição, doença e, conseqüentemente, saúde.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUDRILLARD, J. *A transparência do mal: ensaio sobre fenômenos extremos*. Campinas, Papirus, 1992.
- LEFÈVRE, F. O processo de constituição do sujeito da sua saúde e da sua doença. São Paulo, 1995. [Tese de Livre-Docência - Faculdade de Saúde Pública da USP].
- LEFÈVRE, F. Saúde, mídia e reificação. In: Pitta, A.M.R., org. *Comunicação, visibilidades e silêncios*. São Paulo, Hucitec/Abrasco, 1995.
- SANT'ANA, D., org. *Políticas do corpo*. São Paulo, Estação Liberdade, 1995.
- TURNER, B. *El cuerpo y la sociedad*. Mexico, DF, Fondo de Cultura Económica, 1989.
- ZIZEC, S. *Eles não sabem o que fazem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1992.

Summary: The present essay explores the relations between health and desire involving a given yearning named "health" and the forms that such feeling acquires in the contemporaneous context of living. It ultimately points to a radical situation in terms of health, victim of a irreversible process of expansion that eventually makes any attempt of definition not viable, leading to a total loss of meaning within a human universe tending to complete robotization.

Key words: health-desease; psychoanalysis; sense; meaning

recebido em 16/6/97
aprovado em 20/8/97